

Apostolado midiático: padres que evangelizam por meio de sites próprios

Gabriel Pereira Meirelles

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO
Departamento de Comunicação - Bacharelado em Jornalismo ¹

Resumo

Este trabalho se propõe a estudar a estratégia de inserção digital de padres por meio da criação de sites próprios nos quais são oferecidos aulas e cursos sobre conteúdos de doutrina, história da Igreja, espiritualidade e vida cristã. O objetivo é identificar se esta presença na internet é adequada às necessidades da Igreja e se adaptar-se à cultura midiática significa constituir uma comunidade virtual. Utilizando como procedimento metodológico a revisão bibliográfica, analisamos a inserção do padre Matheus Muniz Aquino, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, na internet à luz dos conceitos de ciberespaço, de Pierre Lévy, e comunidades virtuais, de Raquel Recuero, além das contribuições de Puntel e Spadaro. Concluímos que as estratégias utilizadas pelo padre Matheus não levam à formação de comunidades virtuais e estão em acordo com as orientações da Igreja para o apostolado midiático.

Palavras-chave: Jornalismo; Igreja; Ciberespaço; Cultura Midiática; Comunidade Virtual.

1. Introdução

No século XXI, a internet tornou-se o meio mais inovador para o anúncio do Evangelho. Estimulados pela Igreja, os fiéis católicos têm se inserido nas mídias digitais para falar sobre a fé e expressá-la a todos os continentes sem a necessidade de sair da própria casa. Não somente os leigos, mas também padres criaram perfis em redes sociais e começaram a evangelizar por meio de textos, vídeos, áudios e transmissões ao vivo. Alguns deles desenvolveram sites próprios para divulgar o material produzido, como aulas e cursos on-line.

¹ Artigo derivado de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo, orientado pela professora Carmem Petit, entregue em dezembro de 2022.

Este trabalho se propõe a estudar a estratégia de inserção digital de padres por meio da criação de sites próprios pelos quais são oferecidos aulas e cursos sobre conteúdos de doutrina, história da Igreja, espiritualidade e vida cristã. A meta é identificar se este formato de presença na internet é adequado à necessidade da Igreja se adaptar à cultura midiática. Esta pesquisa terá como objeto principal de estudo o trabalho do padre Matheus Muniz Aquino, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, no ambiente virtual. Como objetivo secundário, pretendemos observar de que modo os sacerdotes utilizam as redes sociais, sobretudo Instagram e YouTube, para auxiliar na divulgação de seus trabalhos aos seguidores e espectadores.

Para a realização desta análise, acreditamos ser fundamental trabalhar o conceito de ciberespaço, trazido por Lévy (1997). O pensador tunisiano observa o mundo digital como um território em si mesmo, no qual ocorrem interações sociais. No contexto em que escreveu, ele projetou este novo ambiente como a tendência nas relações humanas do século XXI. Por meio de Souza (2017), analisaremos algumas características que o ciberespaço trouxe para a sociabilidade, tais como: comunicação circular, interatividade, empoderamento do indivíduo e inteligência coletiva. Estes traços ajudam a compreender o meio digital e quais seriam as melhores estratégias de inserção neste ambiente.

Outro conceito importante para esta pesquisa é o de comunidade virtual (Recuero, 2001), a começar pela noção de comunidade anterior ao advento das mídias digitais. Para a autora, a territorialidade era fator intrínseco a uma comunidade, mas, atualmente, o espaço comum não é fundamental para reconhecer um grupo social. Na verdade, são os interesses semelhantes que agrupam determinadas pessoas e separam outras. A partir disto, analisaremos se o trabalho do padre Matheus Aquino se enquadra em uma comunidade virtual ou não.

Após conhecermos melhor o ciberespaço, suas características e o conceito de comunidade virtual, resgatamos os pronunciamentos da Igreja Católica sobre comunicação, desde o primeiro documento específico sobre o assunto, publicado em 1487 pelo Papa Inocêncio VIII, por ocasião do desenvolvimento da prensa de tipos móveis de Johannes Gutenberg, até a carta apostólica *O Rápido Desenvolvimento*, assinada pelo Papa João Paulo II em janeiro de 2005, o último documento voltado exclusivamente aos meios de comunicação. Nesta investigação, destacam-se o decreto *Inter Mirifica* (1963), o segundo texto publicado durante o Concílio Vaticano II, e a instrução pastoral *Communio et Progressio*, assinada pela Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social em 1971, que tratam da temática de maneira positiva, com alertas aos perigos e malefícios da má

aplicação das ferramentas, mas com o estímulo ao uso dos meios de comunicação para a evangelização. Outro documento importante é a encíclica *Redemptoris Missio* (1990), que marca uma virada na concepção da Igreja acerca dos meios de comunicação: a instituição passa a enxergar a necessidade não apenas de lançar mão das tecnologias, mas de adentrar o universo midiático e se adaptar à nova cultura proveniente das novas técnicas de comunicação.

Após a revisão bibliográfica dos documentos da Santa Sé, este artigo analisará, em sintonia com Puntel (2008) e Spadaro (2012), o histórico e o tempo presente da inserção da Igreja nos meios de comunicação. Puntel destaca a mudança de mentalidade sobre o tema da instituição. Segundo a autora, desde o século XV, a Igreja olhava para os meios de comunicação com precauções e censura. Foi apenas a partir do final do século XIX que houve aceitação e estímulo ao uso das ferramentas técnicas. Para além disto, a principal e mais correta transformação, segundo Puntel, ocorreu justamente em 1990 com a encíclica do Papa João Paulo II, na qual chamou os meios de comunicação como o “primeiro Areópago dos tempos modernos” (VATICANO, 1990).

Já Spadaro pondera com mais cautela sobre a inserção da Igreja no ambiente digital, uma vez que os sacramentos – elementos centrais da religião – não podem ser administrados *on-line*, à distância ou virtualmente. Portanto, a adaptação da Igreja à cultura midiática deve ocorrer sim, mas como um complemento, e não substituto da experiência cristã ordinária.

Veremos, ainda, alguns aspectos da inserção na comunicação de três dos padres brasileiros de maior repercussão midiática: padre Marcelo Rossi, padre Fábio de Melo e padre Reginaldo Manzotti, tendo Cheruti (2017) como referência principal e sua análise sobre a interação dos perfis dos sacerdotes no Facebook com os comentários dos seguidores e fãs. Além dos padres cantores, resgatamos o trabalho pioneiro do padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, com sites e cursos. Em seguida, analisamos a experiência do padre Matheus Aquino, que criou o site padrematheusaquino.com, uma página que agrega cursos e demais conteúdos produzidos pelo padre e sua equipe de comunicação. Vamos buscar compreender como sua estratégia de comunicação se relaciona com as orientações da Igreja e se ela configura uma comunidade virtual.

2. A navegação no ambiente midiático

As Grandes Navegações foram um episódio na História entre o final do século XV e o início do XVI marcado pelas viagens de europeus para outros continentes em busca de especiarias e outros bens. Nesta procura, espanhóis e portugueses encontraram a América, um continente já habitado, mas, para eles, desconhecido e cheio de riquezas. Quinhentos anos se passaram, a humanidade navegou por outros mares e chegou, na década de 1990, a mais um “continente”, desta vez inabitado, mas com potencial de trazer riquezas à sociedade. Hoje, esta nova terra, a internet, é “navegada” por bilhões de pessoas no mundo inteiro. O verbo “navegar” é comumente utilizado para se referir ao uso e ao trânsito neste espaço descoberto recentemente. Spadaro (2012) observa a adaptação da linguagem humana – sobretudo religiosa – a dos computadores pelos exemplos dos termos “salvar”, “converter”, “justificar” e “compartilhar”. Assim, ele busca compreender a fé pela linguagem da tecnologia.

A frase do general romano Pompeu, resgatada por Fernando Pessoa – “Navegar é preciso” –, torna-se ainda mais atual neste contexto da web, em que cada vez é mais necessária a presença das pessoas – físicas ou jurídicas – no ambiente digital. Spadaro traz a metáfora baseada no romance *Giuda l’Oscuro* (1895), de Thomas Hardy. Na história, dois personagens conversam sobre a transformação no centro da vida urbana: da catedral para a estação. Esse, em tese, seria um lugar de passagem, pois os cidadãos vão de lá para outros locais. No entanto, ela se tornou o coração, o centro da cidade. Hoje, a internet exerce papel central na vida humana, ou seja, a maior parte das interações sociais atualmente ocorre dentro do ambiente virtual, inclusive as relações religiosas.

Se o centro da vida saiu da catedral e foi para a estação, os integrantes da Igreja, inclusive o clero, perceberam a necessidade de sair dos muros do templo e navegar por outros mares. O padre Matheus Aquino compreendeu esta necessidade e mergulhou no universo digital para dar aulas sobre temas importantes dentro do catolicismo. Com o site padrematheusaquino.com, ele alcança milhares de pessoas que não o conhecem pessoalmente, mas querem se aprofundar na religião. As distâncias foram diminuídas com o desenvolvimento da internet, e os indivíduos conseguem hoje estar em vários lugares ao mesmo tempo: participar da missa na paróquia perto de casa e escutar pregações e aulas de padres que não conhecem.

A respeito da passagem da catedral para a estação, Spadaro cita Pompili, que caracteriza esta transformação como um “novo contexto existencial”. O ambiente digital seria “um

espaço humano já que é habitado pelo ser humano. Não é mais um contexto anônimo e asséptico, mas um ambiente antropologicamente qualificado” (POMPILI, 2011, *apud* SPADARO, 2012, p. 17). Desta forma:

A rede não é na verdade um simples ‘instrumento’ de comunicação que se pode ou não usar, mas evoluiu num espaço, um ‘ambiente’ cultural que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de educação, contribuindo para definir também um novo modo de estimular as inteligências e de estreitar os relacionamentos; efetivamente, é um modo de habitar o mundo e de organizá-lo. (SPADARO, 2012, p. 17)

Observa-se, assim, a pertinência de Levy (1997), que acreditava que o ciberespaço se tornaria o mais notável canal de comunicação a partir do século XXI. Em sua definição, o ciberespaço é um:

Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos [...] na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LEVY, 1999, p. 92-93).

Recuero (2001) observa, à luz de outros autores, que os meios de comunicação transformam as realidades do espaço e do tempo, e de fato isto ocorreu com o advento da internet. O ambiente digital passou a ser pensado e vivido como um espaço em si mesmo.

Apesar de já haver uma população nativa na América quando os grandes exploradores europeus chegaram aqui há cinco séculos, uma das estratégias de colonização empreendidas pelos reis foi o povoamento. Ou seja, famílias europeias atravessaram o oceano para habitar o novo continente. No ciberespaço, ocorre um movimento semelhante. Com sua descoberta, os usuários migraram para o novo ambiente e precisam se adaptar constantemente aos costumes e modos de proceder próprios dele para aproveitar as vantagens oferecidas. A imersão digital não é uma simples transposição do ser *off-line* para o *on-line*, mas uma adequação à nova realidade.

Souza (2017) aponta algumas características das relações sociais transformadas pelo desenvolvimento do ciberespaço. Dentre elas, destacam-se: a comunicação circular; a interatividade; o empoderamento do indivíduo; e a inteligência coletiva.

A circularidade traz a possibilidade de a comunicação ser mais horizontal e menos vertical, ou seja, mais indivíduos podem se tornar emissores de conteúdos e informações. Esta nova formulação das relações amplia a interatividade entre os elementos e a capacidade

do indivíduo ser mais ativo no processo comunicativo. Em um universo onde qualquer pessoa tem os meios necessários para falar e viralizar, entende-se que cada indivíduo detém algum tipo de conhecimento. O resultado disto é que o saber se mostra difuso, espalhado pelos meandros da rede. Segundo Souza:

A questão cria mais um desafio para as instituições tradicionais, como a Igreja, pois se ninguém tem a posse do conhecimento pleno, tudo pode ser questionado e tudo pode ser mudado a partir de um dos pontos da rede (SOUZA, 2017, p. 29).

Uma consequência de todas estas características no âmbito da Igreja é o aumento do protagonismo leigo, sintetizado atualmente pelo Sínodo dos Bispos 2021-2024², cujo tema principal é a sinodalidade, o caminhar junto entre autoridades eclesiais e os leigos.

3. Comunidades virtuais

A vivência da fé cristã, desde os primeiros séculos, ocorria por meio de comunidades. Das 14 cartas bíblicas atribuídas a São Paulo, nove foram escritas e destinadas a diferentes comunidades fundadas pelos apóstolos: Roma, Galácia, Éfeso, Filipo, Colossas, Corinto e Tessalônica – para cada uma destas duas últimas, há duas cartas. Hoje em dia, não é diferente. Os cristãos se reúnem em paróquias e participam das atividades da Igreja nos mais diversos níveis: paróquia, forania – conjunto de paróquias em um determinado bairro –, vicariato – conjunto de foranias dentro de uma região maior –, e diocese ou arquidiocese – formada pelo conjunto de vicariatos em uma ou mais cidades. O modo de se viver na Igreja está ligado a estes níveis de comunidade, e há atividades realizadas por cada instância.

Com os avanços tecnológicos e a chegada do mundo digital, os católicos começaram a interagir de uma maneira ainda mais ampla. É possível ouvir, ler, ter contato com padres, bispos e leigos de todas as partes do Brasil e de qualquer continente. Esta realidade possibilitou o surgimento de novas formas de os fiéis viverem e se formarem na fé. No entanto, precisamos analisar este fenômeno para entender se esta maneira de viver a

² O Sínodo dos Bispos é uma reunião do papa com alguns bispos, na qual discutem sobre algum tema relevante para o momento da Igreja. A edição atual começou em 2021 e terminará em 2024 com a segunda sessão entre os prelados. Na primeira parte do Sínodo, os fiéis se reuniram em cada paróquia e responderam a um questionário, que foi levado à Santa Sé. O objetivo era escutar as percepções dos católicos do mundo inteiro acerca da vivência cristã atual.

experiência religiosa católica no ciberespaço é uma vida em comunidade tal qual no ambiente *off-line*. Para isto, vamos recorrer novamente a Recuero.

Ao pesquisar e analisar diferentes teorias sobre “comunidade” e aplicá-las à realidade virtual, a autora traz alguns conceitos para compreender o que é uma comunidade e como a ideia se adaptou ao ambiente digital. Após visitar autores como Tönies, Weber, Palacios e Beamish, ela percebe uma mudança no conceito a partir da dimensão territorial. Os mais antigos enxergavam o território como elemento fundamental para a existência de uma comunidade. Beamish, por exemplo, coloca dois sentidos para o conceito de comunidade virtual: o espaço físico e o interesse do grupo (BEAMISH, 1995, *apud* RECUERO, 2001). No caso de uma paróquia, percebemos estes dois sentidos: há a fé católica que une pessoas que vivem próximas ao templo.

Diferentemente de Beamish, Sennet relativiza a necessidade do espaço físico para se pensar uma comunidade. Para ele, o sentido de território foi substituído por grupos com pensamentos e ideias semelhantes (SENNET, 1997, *apud* RECUERO, 2001). Esta concepção permite pensar a comunidade independente da noção de território.

Apesar disto, as comunidades virtuais, à luz dos conceitos analisados no item anterior, não seriam desprovidas de um território, uma vez que o ciberespaço é também um local, o ambiente em que ocorrem as interações entre os atores sociais. A característica que deixa de existir é a de um espaço físico, pois as tecnologias possibilitam a existência de relações em um lugar virtual.

Esta é justamente a definição de comunidade virtual: “agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço” (RECUERO, 2001, p. 5). Não há a necessidade de incluir um grupo em um ambiente físico, pois o digital é agora lugar de relações sociais e criação de comunidades. A autora defende, ainda, que o espaço público é condição necessária para a existência de uma comunidade virtual:

Este espaço, por si só não constitui a comunidade, mas a completa. A comunidade precisa, portanto, de uma base no ciberespaço: um lugar público onde a maior parte da interação se desenrole. A comunidade virtual possui, deste modo, uma base no ciberespaço, um senso de lugar, um locus virtual (RECUERO, 2001, p. 6).

Além do espaço, a comunidade pressupõe interatividade. Primo distingue dois tipos de interação no ciberespaço: mútua e reativa. O primeiro tipo consiste em negociações entre agentes, de maneira interdependente, enquanto o segundo ocorre em um sistema

fechado, com linearidade e de maneira causal. (PRIMO, 1998, apud RECUERO, 2001, p. 7). A autora observa que uma comunidade virtual só vai existir se, de fato, houver interações mútuas, e não reativas.

Recuero (2001) conclui com a observação: “a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais” (p. 10). Ou seja, nem todas as relações dentro do ambiente digital configuram uma comunidade virtual. Para que ela exista, são necessárias trocas constantes entre os membros de maneira ativa, e não passiva.

No caso da inserção digital do padre Matheus Aquino, não há, de fato, uma comunidade virtual, uma vez que as interações são reativas. A figura central da rede é o padre Matheus, que produz o conteúdo e transmite o vídeo, a live, a aula para os assinantes ou seguidores. No entanto, esta realidade não desqualifica o uso do ambiente digital pelos sacerdotes, uma vez que não é objetivo das iniciativas dos padres que evangelizam pela internet substituir a vivência eclesial *off-line* por uma comunidade virtual.

4. O que a Igreja Católica diz sobre a Comunicação?

A Igreja Católica se mantém atenta às diversas realidades sociais que são observadas no mundo há quase dois mil anos. Desde o primeiro concílio, realizado em Jerusalém e narrado no capítulo 15 do livro *Atos dos Apóstolos*, a instituição dialoga com os povos sobre a vivência da fé cristã nas características peculiares de cada cultura e geração³.

Na comunicação social, não é diferente. A Igreja Católica escreveu uma série de documentos sobre o assunto conforme a necessidade da época. O primeiro texto voltado para a comunicação é a bula *Inter Multiplices*, publicada em 1487 pelo Papa Inocêncio VIII. Inspirada pelo crescimento da prensa móvel – ferramenta revolucionária na propagação de informações e notícias, desenvolvida por Johannes Gutenberg em meados do século XV –, o objetivo da bula era fazer observações acerca da comunicação e do uso deste novo instrumento pelos profissionais da área e pelos fiéis.

³ O Concílio de Jerusalém consistiu em uma reunião entre Pedro, os anciãos da Igreja e Paulo. Este levou até os demais as preocupações dos cristãos recém-convertidos do paganismo, que não queriam cumprir os preceitos dos hebreus, como a circuncisão e demais ritos. A resolução do Concílio foi a abolição da circuncisão. A Igreja pediu apenas que os novos cristãos se abastecessem das carnes oferecidas aos ídolos.

Cerca de 450 anos depois da invenção, o ser humano desenvolveu outras tecnologias que revolucionaram a comunicação e a disseminação de informações. Diante de ferramentas como cinema, rádio, televisão e, mais recentemente, internet, a Igreja se viu na obrigação de divulgar uma orientação sobre os meios de comunicação contemporâneos. Depois de quatro séculos sem a Igreja redigir um documento sequer voltado exclusivamente para a comunicação, o Papa Pio XI escreveu, em 1936, a encíclica *Vigilanti Cura*, que aponta os cuidados necessários para com o cinema.

O ponto inicial de toda a abordagem da Igreja acerca dos meios de comunicação é positivo. Em alguns momentos, ela identifica os meios e as técnicas como dons de Deus (VATICANO, 1957; 1971). No caso do cinema, a Igreja reconhece o poder de influência desta ferramenta a pessoas das mais diversas nações e classes sociais (VATICANO, 1936).

Vinte e um anos mais tarde, seu sucessor, Papa Pio XII, exaltou, mais uma vez, a importância das técnicas desenvolvidas pelo homem que permitem a propagação de informações. Na segunda carta encíclica sobre comunicação na História da Igreja, *Miranda Prorsus*, o Sumo Pontífice caracterizou o “progresso das técnicas de difusão” como “maravilhoso” (VATICANO, 1957) e constatou que as novas ferramentas da comunicação de massa – cinema, rádio e televisão – influenciam o “modo de pensar e agir dos indivíduos e comunidades”. Antes de advertir sobre o bom uso particular de cada um destes meios, o papa definiu a difusão como “um meio de comunicar, em grande escala, os bens destinados à comunidade toda e a cada indivíduo”. Segundo o Papa Pio XII, “a verdadeira liberdade consiste no uso regrado da difusão daqueles valores que ajudam ao aperfeiçoamento do homem”. Desta maneira, o texto orienta os comunicadores a serem prudentes no exercício do trabalho e a utilizar os conhecimentos técnicos e as habilidades humanas para alcançar a finalidade da comunicação, e não objetivos egoístas, como lucro e imoralidades:

É, porém, contrário à doutrina cristã e até às superiores finalidades das técnicas de difusão, reservar o uso destas apenas a fins políticos e propagandistas, ou considerá-las mero negócio econômico. Nem se pode aceitar a teoria que, não obstante as ruínas morais e materiais causadas por tais doutrinas no passado, defende a chamada “liberdade de expressão”, [...] significando liberdade de difundir sem quaisquer peias tudo quanto apeteça, ainda que seja imoral ou perigoso para a fé e os bons costumes. (VATICANO, 1957)

Em 1963, durante o Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI aprovou o decreto *Inter Mirifica*, no qual a Igreja utiliza o termo “comunicação social” pela primeira vez. Novamente, a

instituição valoriza as técnicas de difusão de informação e, desta vez, clama para si o direito e o dever de utilizá-las para o cumprimento de sua missão apostólica:

À Igreja, pois, compete o direito nativo de usar e de possuir toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas; compete, porém, aos sagrados pastores o dever de instruir e de dirigir os fiéis de modo que estes, servindo-se dos ditos meios, alcancem a sua própria salvação e perfeição, assim como a de todo o gênero humano. (VATICANO, 1966)

O segundo capítulo de *Inter Mirifica* convida e exorta os fiéis católicos – ministros ordenados, leigos e religiosos – a adentrarem o universo da comunicação para anunciar o Evangelho. O Papa ressalta a pressa que a Igreja deve ter em se inserir nos meios técnicos desenvolvidos em cada época para a difusão de informação. No caso dos sacerdotes, há ainda a obrigação ministerial de pregar a Palavra de Deus. Ao ensinar a doutrina da Igreja por meio das mídias digitais, o padre Matheus Aquino exerce o seu dever de anunciar e consegue realizá-lo a um número muito maior de pessoas do que seria possível sem o auxílio destas ferramentas. Desta forma, o sacerdote carioca atende ao chamado da Santa Sé de instruir e dirigir os fiéis pelos meios de comunicação.

Na época do decreto *Inter Mirifica*, o rádio, a televisão, a imprensa e as artes já garantiam um alcance global inovador e, por isso, a Igreja acreditava que estas técnicas de comunicação podiam e tinham o dever de contribuir para levar a mensagem de Cristo aos povos, conforme o pedido final de Jesus de Nazaré no Evangelho segundo Marcos (Mc 16,15): “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (EVANGELHO..., 2007, p. 1344)”.

Por meio deste decreto, a Santa Sé defende assiduamente o direito à informação, pois ela o enxerga como fundamental para o progresso humano e o bem comum. Como em todas as ações, a Igreja orienta os responsáveis por comunicar a realizar o ofício de maneira justa, reta e moral em todas as etapas do trabalho, desde a veracidade da informação transmitida até às maneiras de obtenção da notícia:

Existe, pois, no seio da sociedade humana, o direito à informação sobre aquelas coisas que convêm aos homens, segundo as circunstâncias de cada um, tanto particularmente como constituídos em sociedade. No entanto, o uso recto deste direito exige que a informação seja sempre objectivamente verdadeira e, salvas a justiça e a caridade, íntegra. Quanto ao modo, tem de ser, além disso, honesto e conveniente, isto é, que respeite as leis morais do homem, os seus legítimos direitos e dignidade, tanto na obtenção da notícia como na sua divulgação. (VATICANO, 1966)

O documento estimula a Igreja a formar “oportunamente sacerdotes, religiosos e também leigos, que possuam a devida perícia nestes meios e possam dirigi-los para os fins do apostolado” (VATICANO, 1966). Quanto ao auxílio financeiro, o Concílio Vaticano II afirma que é obrigação das associações e dos indivíduos sustentar os veículos católicos de comunicação e artes e prover os recursos técnicos necessários para iniciativas que visam à defesa da verdade e à formação cristã da humanidade. O decreto instituiu, finalmente, o Dia Mundial das Comunicações, no qual os fiéis são convidados até hoje a refletir, rezar e doar para o apostolado midiático.

No final da *Inter Mirifica*, a Santa Sé anuncia a posterior publicação de uma instrução pastoral com a colaboração de peritos e especialistas na comunicação para colocar em prática os pontos refletidos no Concílio. Este documento se chama *Communio et Progressio* e foi assinado pela Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social em 1971. Ele apresenta e desenvolve orientações básicas para a atuação dos comunicadores e a recepção da população em geral, uma vez que os meios e as tecnologias variam de acordo com o tempo. Isto torna esta instrução atemporal e, apesar de abordar especificamente as técnicas da época, pode ser adaptada aos tempos modernos, às ferramentas atuais e às futuras.

A primeira parte da *Communio et Progressio* aborda a comunicação em perspectiva filosófica e teológica. O texto aponta Deus e Jesus Cristo como comunicadores por excelência, uma vez que a comunicação não é apenas troca de informações, mas doação de si mesmo (VATICANO, 1971). Desta forma, a Igreja enxerga as diversas ferramentas, que cumprem o papel de extensões dos sentidos do corpo humano (MCLUHAN, 1964), como instrumentos divinos para a promoção das relações sociais.

Muitos outros pontos são abordados nesta instrução pastoral, considerada pelos próprios autores como apenas o início de uma nova fase do mundo, da Igreja e de sua relação com a comunicação. Nos 51 anos seguintes à *Communio et Progressio*, os papas e a Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social escreveram outros documentos específicos sobre a temática. Dentre eles, a instrução pastoral *Aetatis Novae* (1992), que se propõe a refletir sobre o progresso da Igreja no setor 21 anos após a *Communio et Progressio*, a carta apostólica *O Rápido Desenvolvimento* (2005), na qual o Papa João Paulo II atualiza as observações do decreto *Inter Mirifica* à luz das tecnologias do século XXI, e *Igreja e Internet* (2002), em que, por fim, a Comissão trabalha especificamente a relação da instituição e a tecnologia mais nova na comunicação.

Apesar de a Igreja ter escrito todos estes documentos voltados especificamente para a comunicação, a grande mudança no olhar da instituição sobre o tema está na encíclica *Redemptoris Missio* (1990), que aborda, especialmente, as missões. Um dos locais apontados pelo Papa João Paulo II como campo de missão são os meios de comunicação, chamados de “o primeiro Areópago dos tempos modernos” (VATICANO, 1990). Em um mundo onde a maioria das pessoas se forma e se informa pelos veículos de comunicação, a Igreja passou a adaptar a mensagem à linguagem midiática.

Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois esta cultura nasce menos dos conteúdos do que do próprio facto de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas (VATICANO, 1990)

O documento *Igreja e Internet* (2002), escrito pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, deixa claro uma realidade trazida ao debate nas comunidades cristãs durante a pandemia da Covid-19. Por conta do isolamento, as pessoas não puderam participar da missa nem receber outros sacramentos. As celebrações passaram a ser transmitidas pela televisão e pela internet. Entretanto, apesar da boa iniciativa, a Igreja é clara ao afirmar que “na Internet não existem sacramentos” (VATICANO, 2002). Isto não significa que ela não possa atuar neste meio. Ao contrário, a presença dos fiéis na web pode acrescentar à experiência ordinária dentro da comunidade.

Não obstante a realidade virtual do espaço cibernético não possa substituir a comunidade interpessoal concreta, a realidade da encarnação dos sacramentos e a liturgia, ou a proclamação imediata e directa do Evangelho, contudo pode completá-las, atraindo as pessoas para uma experiência mais integral da vida de fé e enriquecendo a vida religiosa dos utentes (VATICANO, 2002).

5. Do silêncio à adaptação: um olhar crítico sobre o tratamento da Igreja à comunicação

Puntel (2008) analisa, à luz dos estudos de José Marques de Melo, o relacionamento entre Igreja Católica e comunicação de acordo com cinco etapas – uma a mais do que Melo –, a partir do surgimento da imprensa no século XV até os dias de hoje. A primeira, segundo a autora, é marcada pela censura e repressão aos meios de comunicação, em um contexto

no qual “a Igreja é a intermediária entre a produção do saber (não somente teológico) e sua difusão na sociedade” (PUNTEL, 2008, p. 130). Este período vai desde a bula *Inter Multiplices*, de 1487, até meados do século XIX.

A segunda fase abrange o final da década de 1870 até 1939. Neste momento, a Igreja começou a aceitar os novos meios de comunicação com cautela. Havia uma vigilância das autoridades eclesiais sobre cinema e rádio, mas a instituição já utilizava estas ferramentas a seu favor.

A terceira inicia com o papado de Pio XII e teve o ápice no Concílio Vaticano II (1962-1965). A Igreja observou a necessidade de atualização ao mundo moderno, e a relação com a comunicação se inverte: passa de um inimigo para um aliado a ser bem utilizado.

A quarta fase ocorreu predominantemente na América Latina a partir da Conferência Episcopal de Puebla (1979). Neste período, em que muitos países da região viviam ditaduras e estavam sob um controle maior do Estado nos meios de comunicação, houve o estímulo à criação de meios de comunicação popular, com um maior protagonismo do povo.

Puntel (2008) acrescenta uma quinta etapa, que se inicia com a noção destacada na encíclica *Redemptoris Missio* de que a Igreja precisa adentrar o ambiente digital e se incorporar à cultura midiática, e não apenas lançar mão dos meios de comunicação.

Tal referência ao magistério eclesial é sinal de uma ‘mudança’ na compreensão da relação entre Igreja e mídia: não mais desconfiança, nem simples lógica instrumental. A Igreja afirma o modo de comunicar de forma inculturada ‘na’ e ‘pela’ ‘cultura midiática’. É uma expressão que carrega um novo conceito seja para o esforço e o estímulo em usar os *media*, seja para disponibilizar cursos de formação para aprender a usar os *new media*. (PUNTEL, 2008, p. 132)

Nota-se uma caminhada de transformação no posicionamento da Igreja na mesma velocidade em que as técnicas se desenvolvem. No período da Cristandade, quando a Igreja exercia influência sobre todos os aspectos sociais e culturais, sobretudo na Europa, e não havia nenhum grande veículo de comunicação de massa, os livros estavam sob a guarda e tutela da instituição e não havia muita oferta de conteúdos considerados heréticos ou ofensivos. O advento da prensa móvel no século XV tirou da Igreja o controle sobre os conteúdos publicados e disseminados mundo afora, e ela, preocupada com o dever moral de proteger os fiéis e salvar almas, rejeitou de início a nova tecnologia.

Com o surgimento da tecnologia de impressão e a consequente queda nos custos da produção, os livros e periódicos se tornaram mais acessíveis à população leiga. Esta novidade foi recebida com grande receio pelas autoridades eclesiásticas, pois o acesso a tais publicações não precisaria passar, necessariamente, pela aprovação da Igreja. Vivia-se o tempo da Cristandade e temia-se que os fiéis pudessem ser influenciados por publicações anticristãs e anticlericais. Por isso, a primeira reação não foi de acolhimento do novo invento e utilização do mesmo para a propagação do Evangelho, mas sim de autodefesa e controle/censura. (SOUZA, 2017, p. 46)

A aceitação e abertura da Igreja aos meios de comunicação coincidem com a passagem de uma sociedade imersa na cultura cristã para um momento de maior indiferença à Igreja. Além deste paralelo, é justamente neste momento de transformação que o desenvolvimento tecnológico cresce em alta velocidade. A capacidade do ser humano de criar três ferramentas que revolucionaram a comunicação e a vida das pessoas em apenas um século – rádio, televisão e internet – foi acompanhada pelos posicionamentos da Igreja acerca do assunto. Tornou-se necessário a Santa Sé enxergar os meios de comunicação não mais como vilões, pois o mundo já não era mais católico como antes, mas abraçá-los como fundamentais para o presente e o futuro da religião católica.

No entanto, esta inserção na comunicação, sobretudo no mundo digital, tem um limite para o catolicismo. Embora seja necessário integrar a mensagem do Evangelho no ciberespaço, a vida em comunidade não pode ser transportada para o modo *on-line*, pois as comunidades virtuais católicas não substituem a participação física e presencial dos sacramentos e de outras atividades da Igreja.

A realidade virtual não substitui a Presença Real de Cristo na Eucaristia, a realidade ritual dos outros sacramentos e o culto compartilhado no seio de uma comunidade humana feita de carne e de sangue. Na Internet não existem sacramentos; e até mesmo as experiências religiosas nela possíveis pela graça de Deus, são insuficientes [...]. Ao mesmo tempo, os projectos pastorais deveriam pensar em como orientar as pessoas no espaço cibernético para a verdadeira comunidade e como, através do ensino e da catequese, a Internet pode vir a ser utilizada em ordem a apoiá-las e a enriquecê-las no seu compromisso cristão. (VATICANO, 2002)

As tecnologias digitais criaram um novo espaço de experiências (SPADARO, 2012) em todos os âmbitos, inclusive na religião. No entanto, a inserção da Igreja Católica no ciberespaço guarda algumas ressalvas, já que o centro do catolicismo está na vivência presencial e ordinária nos sacramentos. Sobre isto, o autor utiliza o jargão jornalístico da “cobertura” para mostrar que “cobrir” um evento religioso seria espetacularizar e

reproduzir algo que não é reproduzível. Assistir ao ritual católico pelas redes é visualizar uma imagem irreal, mesmo que haja a sensação de participação real.

A landscape, isto é, o panorama externo a ser visto, contemplado, no qual se reconhecer se torna o 'simulacro', ou seja, uma imagem que não tem correspondente real de um ambiente ou mesmo um verdadeiro e próprio inscape, ou melhor, um panorama 'interiorizado', dentro do qual restabelecer o mistério". (SPADARO, 2012, p. 145)

Outra contribuição de Spadaro é a comparação da transmissão da missa e de outras atividades religiosas com o *hic et nunc* – aqui e agora – com a reprodução técnica da obra de arte, em Walter Benjamin. Mesmo com alta qualidade na reprodução, qualquer forma de replicação retira a exclusividade daquela criação.

Uma vez que não há possibilidade de celebrar os sacramentos no ciberespaço, cabe à Igreja buscar as maneiras de se inserir na cultura midiática sem perder a própria essência, cujos rituais estão intimamente ligados ao contato físico com as pessoas e às matérias dos sacramentos. No caso da missa, o pão e o vinho não podem ser substituídos por outros alimentos tampouco serem virtualizados.

Dentro deste cenário, a inserção de padres na internet corresponde ao apelo do documento *Igreja e Internet* de orientar os fiéis à participação real dos ritos religiosos, pois não pretende substituir a vivência ordinária da comunidade cristã, mas sim complementar a experiência religiosa. É verdade que cada padre se insere no ambiente digital de maneira particular, de acordo com as características pessoais ou as circunstâncias pastorais, mas estas formas devem levar o espectador, seguidor ou aluno a estar presente na comunidade real, e não permanecer no ciberespaço. Neste sentido, a iniciativa do padre Matheus Aquino corresponde à adaptação da Igreja à cultura midiática, uma vez que não reduz a vida na fé à realidade virtual e aponta para a presença real aos sacramentos.

6. A inserção de padres brasileiros nos meios digitais

O apelo da Igreja à necessidade de inserção na cultura midiática gerou no Brasil um fenômeno particular: os padres cantores. Os principais sacerdotes a lançarem mão dos meios de comunicação, sobretudo rádio e televisão, foram homens ligados à música. O compositor monsenhor Jonas Abib fundou a Comunidade Canção Nova em 1978. Dois anos depois, o grupo se instalou no rádio e, em 1989, foi criada a TV Canção Nova.

A partir do final da década de 1990 até os dias de hoje, três padres cantores são conhecidos não apenas dentro da Igreja Católica no Brasil, mas tornaram-se celebridades a nível secular também: padre Marcelo Rossi, padre Reginaldo Manzotti e padre Fábio de Melo. Juntos, eles acumulam mais de 37 milhões de seguidores no Instagram e 23,6 milhões no Facebook.

Cheruti (2017) observou a atuação destes três sacerdotes nesta última rede social durante o período de 9 a 14 de outubro de 2017 e percebeu algumas características da inserção deles na web. Em nenhuma publicação havia interação dos religiosos com os seguidores que curtiam, comentavam e compartilhavam. A comunicação era mais vertical, uma estratégia que apontava para outros conteúdos, como as missas, venda de CDs e shows. Este formato de inserção midiática não configura, à luz de Recuero (2017), uma comunidade virtual, uma vez que não há interação entre os atores sociais. Segundo os estudos de Souza (2017), a falta de comunicação circular também aponta para um uso das mídias digitais aquém das possibilidades oferecidas pelo recurso.

Nota-se, desta forma, que os três padres de maior repercussão nacional utilizam as redes sociais e a internet para levar os seguidores a consumir outros produtos e a participar de outras atividades da Igreja. Eles usam a mídia, portanto, como um meio, e não um fim. O objetivo não é criar uma comunidade virtual, mas conduzir os usuários de internet a ouvir as músicas e participar de ações promovidas pelos padres ou que eles estão presentes.

Outro sacerdote conhecido pelo uso da internet para a evangelização é o padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, da Arquidiocese de Cuiabá, em Mato Grosso. Desde 2006, ele mantém o site padrepauloricardo.org, fruto da decisão de, segundo o religioso, “atender a um apelo do Papa Bento XVI para que os sacerdotes se engajassem em um verdadeiro apostolado de evangelização na internet”⁴. Para corresponder a esta fala do papa, ele iniciou o site, que hoje consiste em uma plataforma com duas possibilidades de visualização. Existem seções abertas a todos os usuários: o blog e algumas séries de vídeos, como “Homilia Diária”, um programa diário com uma reflexão sobre o Evangelho do dia, e “A Resposta Católica”, na qual o sacerdote responde a perguntas sobre o posicionamento da Igreja acerca de determinado tema. Há também uma área exclusiva para os assinantes do site, que garante o acesso a aulas ao vivo e a todos os 44 cursos

⁴ Trecho extraído do site padrepauloricardo.org. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/nossa-missao>. Acesso em: 8 de dezembro de 2022.

disponíveis na plataforma. Eles estão divididos em categorias como “Teologia”, “História”, “Santos da Igreja” e “Cultura e Sociedade”. Os temas são diversos, mas conduzem o aluno do site a viver a espiritualidade católica na vida pública e privada, dentro da igreja, de casa e do trabalho.

7. Caso Padre Matheus Muniz

Diferentemente dos padres Fábio de Melo, Marcelo Rossi e Reginaldo Manzotti, o padre Matheus Muniz Aquino não é cantor, mas também faz dos instrumentos de comunicação um meio para chegar a pessoas que não atingiria se não fosse a tecnologia. Sua forma de inserção midiática se assemelha mais ainda à do padre Paulo Ricardo. Com mais de 100 mil seguidores no Instagram, padre Matheus investiu em uma plataforma digital com, até o momento, quatro cursos gravados – “A Santa Missa”, “Os inimigos espirituais da alma”, “Os 4 temperamentos e a vida espiritual” e “Direção espiritual” –, 23 e-books⁵ sobre os conteúdos transmitidos e uma aula nova a cada semana. Os assuntos são variados, mas o foco é a vivência da espiritualidade cristã. O padre transmite os ensinamentos da Igreja ao público que deseja conhecer ou se aprofundar na religião católica para que o fiel seja estimulado a participar da vida ordinária da Igreja.

Esta formação não tem por objetivo agregar um grupo de pessoas ao redor do sacerdote nem gerar interação entre os agentes. As aulas são gravadas, ou seja, o aluno não interage com o professor. Desta forma, a atuação de padre Matheus com esta plataforma, apesar de o nome ser Família Padre Matheus, não configura uma comunidade virtual, pois não há comunicação circular (SOUZA, 2017) e nem interações mútuas e ativas (RECUERO, 2017).

O curso que melhor representa a inserção de padre Matheus é “A Santa Missa”. As vídeoaulas têm o objetivo de ensinar o aluno a compreender a celebração da missa parte por parte, como se comportar durante o rito, que gestos devem ser feitos em cada momento. Além da missa em si, o assinante aprende sobre liturgia, o calendário da Igreja, os significados de cada veste que o padre usa e dos objetos litúrgicos, entre outras informações que contribuem para que as pessoas participem bem do momento⁶. Não é a

⁵ E-book, ou livro digital, é um arquivo com texto e outros recursos gráficos.

⁶ Informações obtidas no site de lançamento da Família Padre Matheus. Disponível em: https://www.padrematheusaquino.com/familia-pe-matheus-aquino-nova?src=bio&utm_source=bio&utm_medium=organico&utm_campaign=fpma&utm_content=bio-ig&utm_term=bio. Acesso em: 8 de dezembro de 2022.

missa em si, mas uma formação para que, após aprender cada conteúdo, a pessoa consiga estar mais atenta durante as celebrações em que for participar, independentemente da paróquia em que estiver e do padre que celebra.

O formato de sites e cursos vendidos na internet se assemelha aos serviços de *streaming*, uma modalidade de audiovisual na qual o usuário assina o serviço e recebe acesso a uma plataforma com vários conteúdos para assistir quando e onde quiser. As aulas ficam disponíveis, e os alunos podem ver a qualquer momento. Não há a necessidade de estar diante do celular ou do computador em um horário específico, como na programação *broadcast* da televisão, e este tem sido um movimento comum nas plataformas de produção e distribuição audiovisual: a passagem de uma grade de programação para a exibição sob demanda. Desta forma, o padre Matheus se insere na internet a partir de um formato em ascensão no próprio meio de comunicação. A partir dele, a mensagem da Igreja é levada e conduz o fiel à comunidade presencial cristã.

A comunicação escolhida pelo padre Matheus não fica restrita ao site. Com o suporte de uma equipe, ele utiliza o Instagram para divulgar os cursos e o site, além de publicar um conteúdo religioso por dia. Nos stories, além do material de divulgação dos posts e do site, o sacerdote abre caixas de perguntas e responde às dúvidas dos seguidores. Outro recurso que padre Matheus lança mão são as lives. No segundo semestre de 2022, ele participou de duas transmissões ao vivo no Instagram, cada uma junto a outros perfis: no dia 18 de agosto, com o professor Pedro Delfino, cujo tema foi “Conhecer a doutrina é seu dever”; e no dia 26 do mesmo mês, ao lado de padre Lucas Folego, com o tema “Santa Missa: instrução do povo ou culto a Deus?”. No YouTube, foram duas lives. A primeira, no dia 15 de agosto, marcou o lançamento da plataforma Família Padre Matheus e consistiu na divulgação do site. A segunda ocorreu no dia 5 de dezembro, em ocasião do desconto oferecido ao curso “Os 4 temperamentos e a vida espiritual”. Nos sete dias que antecederam esta aula aberta e gratuita, o perfil do Instagram de padre Matheus investiu em publicações sobre o conteúdo do curso e a importância de participar desta formação.

As redes sociais de padre Matheus Aquino apontam para o site e convidam os fiéis a assinarem os cursos. Por sua vez, as aulas na plataforma não têm como objetivo manter o aluno no site, mas fazer com que ele aplique os ensinamentos recebidos na vida concreta e ordinária. Diferentemente de outros sacerdotes, padre Matheus não transmite sacramentos pela internet. Por meio de vídeos, ele divulga informações, ensina e ministra aulas que instigam o fiel a participar da vida sacramental no lugar em que estiver.

8. Considerações finais

A internet constitui um espaço em si mesma e, portanto, um lugar de relações sociais tanto entre pessoas que estão fisicamente próximas quanto atores distantes uns dos outros. Este ciberespaço permite a criação de comunidades virtuais construídas em torno de indivíduos com interesses comuns. No entanto, a inserção da Igreja Católica na cultura midiática, analisada por Cheruti (2017) a partir dos exemplos dos padres Fábio de Melo, Marcelo Rossi e Reginaldo Manzotti, e por este artigo no caso de padre Matheus Muniz Aquino, não constitui novas comunidades virtuais, já que não há interação mútua e ativa entre os atores. Apesar disto, a experiência na internet destes religiosos – sobretudo de padre Matheus, objeto de estudo deste artigo – não constitui um erro de estratégia ou de inserção, uma vez que o objetivo não é fazer um agrupamento de pessoas no ciberespaço. A finalidade é transmitir a mensagem do Evangelho e incentivar os fiéis a participar e viver bem os sacramentos, de maneira a aproveitar e entender o que aquele momento significa.

Desde o século passado, a Igreja tem se aberto aos meios de comunicação, e a tendência é este movimento continuar ao longo das próximas décadas. Esta presença digital se torna cada vez mais importante para a instituição cumprir o objetivo de anunciar a mensagem de Jesus. Os primeiros apóstolos do cristianismo, que percorreram diversos povoados e o que hoje chamamos de países, teriam lançado mão de celulares e internet para anunciar a experiência vivida. A Igreja Católica reconhece que os apóstolos de hoje, isto é, todos os cristãos, a começar pelos integrantes do clero, devem utilizar os meios de comunicação para transmitir sua mensagem.

A estratégia adotada por padre Matheus não é inédita no mundo virtual. A venda de cursos on-line e a criação de sites com o uso das redes sociais como suporte é uma prática digital comum a outros grupos sociais. Este exemplo demonstra uma integração da Igreja com a cultura midiática e as novas formas de se comunicar, mas não significa uma mudança na essência da religião católica, que depende da participação física nos sacramentos.

9. Referências bibliográficas

CHERUTI, Fernanda D. A presença da Igreja Católica nas redes sociais: uma análise das inserções dos padres Fábio de Melo, Marcelo Rossi e Reginaldo Manzotti no Facebook. In: Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, 2., 2018. São Leopoldo. Anais eletrônicos [...]. São Leopoldo: Unisinos, 2018. Disponível em:

<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticacao-artigos/article/view/189>.

Acesso em: 6 abr. 2022.

EVANGELHO segundo S. Marcos. In: Bíblia. Português. Bíblia sagrada. Edição Pastoral-Catequética. São Paulo: Ave-Maria, 2007. p. 1322-1344.

FAMÍLIA pe. Matheus Aquino nova. In: Padre Matheus Aquino. [Rio de Janeiro].

Disponível em: https://www.padrematheusaquino.com/familia-pe-matheus-aquino-nova?src=bio&utm_source=bio&utm_medium=organico&utm_campaign=fpma&utm_content=bio-ig&utm_term=bio. Acesso em: 8 dez. 2022.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999. 3. ed. Trad. de Carlos Irineu da Costa. Disponível

em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2022.

MCLUHAN, Herbert M. Os meios de comunicação como extensões do homem: understanding media. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1969. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/352425/mod_resource/content/1/MCLUHAN%20C%20Marshall%20-%20Os%20Meios%20de%20Comunicac%CC%A7a%CC%83o%20como%20Extens%CC%83es%20do%20Homem.pdf. Acesso em: 21 out. 2022.

NOSSA missão. In: PADRE Paulo Ricardo. [Cuiabá], 21 ago. 2021. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/nossa-missao>. Acesso em: 8 dez. 2022.

PUNTEL, Joana T. Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2008.

RECUERO, Raquel da C. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. Anais eletrônicos do Seminário Internacional de Comunicação, 5, Porto Alegre: PUC/RS, 2001. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/teorica.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SOUZA, Andreia D. G. A Igreja diante da cultura midiática digital: desafios, caminhos e perspectivas. 2017. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=30220@1>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SPADARO, Antonio. Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

VATICANO. Encíclica Vigilanti Cura. Vaticano, 29 jun. 1936. Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html. Acesso em: 29 ago. 2022.

VATICANO. Encíclica Miranda Prorsus. Vaticano, 8 set. 1957. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html. Acesso em: 13 out. 2022.

VATICANO. Decreto Inter Mirifica. Vaticano, 4 dez. 1966. Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 29 ago. 2022.

VATICANO. Instrução Pastoral Communio et Progressio. Vaticano, 23 mai. 1971.

Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html. Acesso em: 22 set. 2022.

VATICANO. Encíclica Redemptoris Missio. Vaticano, 7 dez. 1990. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 18 nov. 2022.

VATICANO. Igreja e internet. Vaticano, 22 fev. 2002. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html. Acesso em: 6 ago. 2022.